



ARQUIVOS DE KIKA SEIXAS E SYLVIO PASSOS

“Já bebi daquela água/  
quero agora vomitar/  
Uma vez a gente aceita/  
Duas tem que reclamar/  
A serpente está na terra  
o programa está no ar/  
Vim de longe de outra terra,  
pra morder teu calcanhar”

(versos inéditos  
de Óculos Escuros)

# Baú do Raul novamente aberto

Novo livro proporciona uma visita guiada pela intimidade do roqueiro baiano

ZEZÃO CASTRO

**S**e uma imagem vale por mil palavras, como se dizia há 10 mil anos, o que não valem mil imagens e escritos sobre Raul Seixas (1945-1989) para entender melhor o que este artista representou e o que pensou sobre o planeta?

Este é principal enigma que *O baú do Raul revirado*, publicado pela Editora Ediouro no início do mês, tenta decifrar em suas 232 páginas. O autor da pesquisa, jornalista Sílvio Essinger, é quem melhor explica suas intenções, na apresentação da obra: “O convite é para uma visita guiada pela intimidade de um sujeito que viveu como poucos as transformações do século XX – e se o corpo falhou, sucumbindo à indesejada das gentes, ao menos a palavra, a imagem e o som estão aí para dar o testemunho”.

As duas principais fontes de material foram a ex-mulher de Raul, Kika Seixas, e o presidente do Fanclube Raul Rock Seixas, Sylvio Passos. Juntos, conseguem reproduzir o álbum do bebê, matérias de jornal, uma carta que só poderia ser aberta após a morte dele e muita poesia inédita, além de recortes que ajudam a entender melhor a dimensão da Jovem Guarda baiana.

Nas anotações do guri rocker de 1957, vê-se o que, segundo ele, são “as melhores músicas do rock”: *Ready Teddy* (com Cliff Richard), *Jailhouse Rock*, *Baby I don't care*, *King Creole* e *Hard Headed Woman*, todas com Elvis Presley. Além das confissões hormonais de um adolescente em busca da jóia de viver: “O maior dese-

jo meu!!! Ser popular no mundo inteiro ou ser artista de cinema ou cantor. Quando eu passasse pelas ruas, mil garotas avançavam em mim beijando-me...”.

O tom dos textos reflete filosofia, existencialismo, lucidez, lombras, paranóias, grilos existenciais, momentos de poesia e outras sintonias que compuseram o rastro da sua existência. Referências, disco a disco, são comentadas por produtores ou ex-músicos como Eládio Gilbraz, de Os Panteras, Alcione (sim! ela gravou uma música de Raul e Paulo Coelho para a novela global *O Rebu*), Nelson Motta, Paulo César Barros (baixista de Renato e seus Blue Caps e de vários de seus discos) e Marcelo Nova, dentre outros.

As fotos e recortes acompanham também as variações da época dos conjuntos (Relâmpagos do Rock, The Panthers, Raulzito e Os Panteras) até a época solo, já nos 70, quando se consagrou, e nos anos 80. Num dos trechos, um encontro com Mick Jagger, líder dos Rolling Stones em Salvador: “...ouviu as composições do baiano. Gostou, aconselhou-o a tocar candomblé, a tocar macumba, porque, segundo concluiu depois de ouvir a música brasileira na fonte, a Bossa Nova não passa de uma farsa”, teria dito Jagger a Seixas, segundo declarou.

Para engrossar o caldo, a publicação da Ediouro traz textos retirados do livro *Baú do Raul* (organizado por Tárík de Souza em 1992), adicionados a outros retirados de *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*, escrito por Paulo Coelho no início dos anos 80, além de entrevistas que faziam parte de outro livro, *Raul Rock Seixas* (1995), organizado por Kika Seixas.

Extraem-se, de suas anotações, impressões azedas daquele momento conturbado no início dos anos 70: “Como eu ainda não fui preso, eles dizem que sou artista de consumo, ou seja agente do Dops, da CIA. Para que dêem crédito ao meu ponto de vista (...), eu preciso, como Caetano, ser expulso do país, ter músicas censuradas, ser preso como Chico, queimar fumo para não ser *careta*...”. Enfim, o livro é muita onda. Só mergulhando pra ver sua rara iconografia ao alcance de todos. Basta pagar.



O cantor classificou duas canções no VII Festival Internacional da Rede Globo, em 1972



## Para Elis

Elis, Elis, Elis  
Onde quer que você esteja  
Fiz uma música bonita  
Pra você cantar, Elis  
Embora eu não te conhecesse muito  
Não faltaria assunto  
Para a gente se entender  
Sofri, chorei, atrás dos meus óculos escuros  
Pra não dar bandeira e murros  
Quando a “Globo” abriu seu caixão  
Pra filmar você morta  
Pra o Fantástico no domingo  
Amiga, cigarra, pimentinha,  
Suas flores não continha (*sic*)  
O que sua voz continha  
Você vai fazer falta por aqui  
Achei no seu jeito florido  
Seu jeitinho colorido  
Na quieta mão de Deus  
Compus uma música anteontem  
Pra você cantar porreta  
Intitulada “Areia da Ampulheta”  
Que de mal chegou ao fim  
Elis, feliz, matriz, atriz  
Eu admiro você

Poema inédito de Raul Seixas para Elis, 1982.

# O artista em estado bruto

O brinde sonoro que há em *O baú do Raul revirado* é mais um refinado petisco para colecionadores do que algo que vá contribuir ainda mais para a importância de sua obra. São seis faixas que fazem um apanhado alternativo e cronológico de sua vida artística no período que vai de 1964 a 1988.

A tampa do baú se abre e ouve-se o diálogo entre Raulzito, o irmão Plínio e o amigo Dudu, gravado no apartamento da família Seixas em Salvador em 1964. Clima pueril, onde o adolescente traquina confessa: “Abafamo o uísque do velho” e a seguir puxa *Tutti Frutti*, de Little Richard, acompanhado pelos dois “comparsas”.

Em segundo, vem *Eu sou Egoísta*,

parceria do baiano com Marcelo Motta, lançado no LP *Novo Aeon* (Phillips, 75). Aparece aqui em gravação caseira realizada no Rio de Janeiro em 1975. Um homem, uma viola, erros no ensaio, palavrões, enfim, um acústico de Raul pré-MTV.

Já *Angel* (não confundir com a homônima de Jimi Hendrix) é mais uma balada inédita gravada em inglês. Feita em parceria com J.R.R. Abraão e registrada em padrão caseiro, reflete um amor adolescente por alguém com “coração puro como cristal”. *Brazilian Rock* (Raul Seixas) gravado ao vivo no Teatro Pixinguinha, São Paulo, em 4 de julho de 1981, é só gozação: “Pedro Álvares Cabral, mestiço de africano

com índio e com português. Eu agüento? Deixa eu cuspir meu chiclete”.

Cavalo de batalha, *Manifesto Sociedade Alternativa*, conta com uma curiosa adaptação: *Faz o que tu queres/ há de ser tudo da lei/ But don't you step on my blue suede shoes*. Típica tirada do carpinteiro do universo. Os trabalhos se fecham em tom lento. *Lena* (Raul Seixas), uma composição inédita gravada em sua própria casa, em um gravador mono em 1988, dedicada à última de suas mulheres, Lena Coutinho.

